

MARIA SUPINHO, DEFENSORA DAS MULHERES, FALA DOS 40 ANOS NA POLÍCIA

Inquieta-me a violação sexual de menores

n EVELINA MUCHANGA

HÁ 40 anos que está ao serviço da Polícia da República de Moçambique, parte dos quais dedicado ao combate à violência doméstica, ela é vista como a defensora das mulheres na sociedade mas diz: “não sou juiz para julgar. Ninguém perde razão e ninguém sai com razão”.



As crianças têm sido as principais vítimas da violência entre os pais, Maria Supinho

Estas são declarações da superintendente da Polícia, Maria Supinho, na entrevista concedida ao “Notícias” sobre as quatro décadas ao serviço da defesa da pátria, que se mostra preocupada, sobretudo com o abuso sexual de menores. Os excertos mais significativos desta conversa passamos a transcrever-los.

NOTÍCIAS (NOT) São 40 anos na Polícia, como conseguiu manter-se?

MARIA SUPINHO (MS) - Falar da carreira profissional não é di-

ferente de falar da vida conjugal. A partir do momento em que ingressei para as fileiras da Polícia ganhei um marido. Sujeitei-me a ele até hoje. Cumprir as instruções, orientações dos meus superiores e viver na base das ordens. Não foi fácil devido à própria dinâmica do trabalho. Há quem olha para nós e diz que mulher Polícia é privilegiada, não é verdade. Nós trabalhamos tal como os nossos colegas do sexo oposto.

NOT - Quando é que se interessa em proteger os direitos das mulheres?

MS - Em 1995, depois da Conferência Mundial de Beijing sobre a mulher. Houve uma necessidade de se criar os gabinetes de atendimento à mulher e criança vítimas de violência. Fiz parte do primeiro grupo. Até hoje estou a trabalhar e ajudar as mulheres vítimas de violência, crianças, idosos, ou seja, ajudar todo o cidadão naquilo que diz respeito aos direitos humanos.

NOT - Como é que olha para a evolução destes gabinetes?

MS - Hoje digo que a semente lançada já germinou. Na altura

nós falávamos de um ou dois gabinetes, não tínhamos pessoal formado. Tínhamos muitas dificuldades. Hoje temos membros da polícia formados, alguns saídos da ACIPOL, outros da escola básica e um número maior de pessoas formadas nas nossas faculdades. Hoje trabalhamos mais pela qualidade e não pela quantidade. Um ganho que veio mesmo para responder às expectativas do atendimento é a lei 29/2009, porque no início nós não tínhamos um instrumento orientador, tínhamos apenas o Código Penal.

Contudo, este instrumento legal não ia de acordo com aquilo que eram as leis expectativas, que é a protecção da própria mulher. Mas hoje temos um instrumento de base. Acredito que com o tempo vamos melhorar. Estamos a funcionar a nível nacional, mesmo nas zonas mais recônditas temos um ou dois polícias para fazer o atendimento. Já temos homens a trabalhar nos gabinetes.

NOT - Alguns homens dizem que defende apenas as mulheres, é essa a filosofia dos gabinetes?

MS - (Risos)... Bom, é provável que os homens olhem para mim como a defensora das mulheres. Até fico feliz por isso. Não defendo só as mulheres, mas sim a todo o cidadão. Ressalvar que no início do projecto dos gabinetes tínhamos um grupo alvo: a mulher e a criança. Quando falamos da mulher temos uma ou duas crianças por de trás. Eis a razão que parece que eu só a tal defensora das mulheres, mas defendo também os homens, os idosos. Não sou juiz para julgar. Ninguém sai com a razão e ninguém a perde.

NOT - Pode explicar melhor?

MS - Simplesmente, o que costume dizer às pessoas é que privilegiem o diálogo, pois a violência não resolve os problemas. Hoje a violência doméstica é um crime público, o que nos obriga a processar o infractor. Todavia, mesmo depois de processá-lo, nós chamamos à atenção ao casal sobre aquilo que são os deveres e direitos de cada um. As pessoas devem respeitar-se acima de tudo. Onde está um casal, geralmente, temos crianças. Eles violentam-se, separam-se. As crianças não são consultadas e não são informadas do que vai acontecer. Cada um puxa para o seu lado esquecendo-se que no futuro as crianças serão adultas e que também poderão optar pela violência, talvez pior que os pais porque crescem com uma mágoa



Maria Supinho intervindo num caso de violência na rua

As pessoas falam e não conversam

O DIÁLOGO é o remédio santo para acabar com as desavenças, mas há quem ainda prefira falar e trocar palavras, em vez de conversar, o que culmina em violência.

NOT - Que análise faz dos níveis de violência na sociedade?

MS - A sociedade está consciencializada graças ao trabalho de sensibilização que temos feito em vários sítios, escola, comunidade, lugares de maior aglomeração das pessoas chamando a consciência de cada um para que pare e reflita sobre o que é a

-me-ia realizada se eu dissesse, olha, no meu relatório não tive nenhum caso de violência doméstica, não acompanhei nenhum caso de violação sexual de menores. Mas há quem diga que isso é impossível porque onde está mais de uma pessoa sempre haverá uma situação em que vão se opor e culminar em violência.

NOT - Concorda com esse pensamento?

MS - Não, porque é possível estar ao lado do meu marido, do meu companheiro, dos meus filhos e não haver essa discordância, se pautarmos pelo

Licia, Maria Supinho, na entrevista concedida ao "Notícias" sobre as quatro décadas ao serviço da defesa da pátria, que se mostra preocupada, sobretudo com o abuso sexual de menores. Os excertos mais significativos desta conversa passamos a transcrever.

NOTÍCIAS (NOT) São 40 anos na Polícia, como conseguiu manter-se?

MARIA SUPINHO (MS) - Falar da carreira profissional não é di-

se para as fleiras da Polícia ganhei um marido. Sujeitei-me a ele até hoje. Cumprir as instruções, orientações dos meus superiores e viver na base das ordens. Não foi fácil devido à própria dinâmica do trabalho. Há quem olha para nós e diz que mulher Polícia é privilegiada, não é verdade. Nós trabalhamos tal como os nossos colegas do sexo oposto.

NOT - Quando é que se interessa em proteger os direitos das mulheres?

a mulher. Houve uma necessidade de se criar os gabinetes de atendimento à mulher e crianças vítimas de violência. Fiz parte do primeiro grupo. Até hoje estou a trabalhar e ajudar as mulheres vítimas de violência, crianças, idosos, ou seja, ajudar todo o cidadão naquilo que diz respeito aos direitos humanos.

NOT - Como é que olha para a evolução destes gabinetes?

MS - Hoje digo que a semente lançada já germinou. Na altura

formado. Tínhamos muitas dificuldades. Hoje temos membros da polícia formados, alguns saídos da ACIPOL, outros da escola básica e um número maior de pessoas formadas nas nossas faculdades. Hoje trabalhamos mais pela qualidade e não pela quantidade. Um ganho que veio mesmo para responder às expectativas do atendimento é a lei 29/2009, porque no início nós não tínhamos um instrumento orientador, tínhamos apenas o Código Penal.

mesmo depois de processado, nós chamamos à atenção ao casal sobre aquilo que são os deveres e direitos de cada um. As pessoas devem respeitar-se acima de tudo. Onde está um casal, geralmente, temos crianças. Eles violentam-se, separam-se. As crianças não são consultadas e não são informadas do que vai acontecer. Cada um puxa para o seu lado esquecendo-se que no futuro as crianças serão adultas e que também poderão optar pela violência, talvez pior que os pais porque crescem com uma mágoa no seu interior. Toda a criança fica feliz quando cresce ao lado do pai e da mãe, mas nós não damos essa oportunidade simplesmente porque temos aqueles caprichos de que eu não quero ceder, sou superior ao outro.

Lutar contra abuso sexual

O ABUSO sexual de menores de idade é uma das piores formas de violência que deve ser combatido por todos.

NOT - Passam por este gabinete vários casos de violência. Pode partilhar alguns que mais lhe chamaram atenção?

MS - Talvez fazer menção a um caso, no início deste programa de gabinetes de atendimento, de uma menina que vivia com a avó. Na altura, ela tinha seis ou sete anos. Um indivíduo estranho introduziu-se na residência, levou a criança e abusou-a sexualmente e introduziu um instrumento no órgão genital dela. Com que intenção ninguém soube dizer. A menina quando chegou a nós estava numa situação grave.

ente, foi submetida a uma cirurgia e recuperou. Não tenho mais um sinal dela e acredito que seja uma mulherzinha, agora. Infelizmente, não foi possível identificar o agressor.

NOT - O que mais lhe inquietava como polícia nesta componente da violência?

MS - Os crimes contra as crianças, sobretudo os de violação sexual, em que temos como agressor o próprio pai. Esses casos me tiram sono. Para além daqueles casos em que alguém olha para a mulher e a trata de amor e o mesmo indivíduo que



a belo prazer a espanca. Dói-me muito aquela situação em que um homem ou uma mulher tem o seu parceiro(a) em casa e pura e simplesmente porque tiveram uma discussão pega na água ou óleo quente joga no outro.

NOT - Qual é o seu sentimento quando não conseguem esclarecer um caso de violação

sexual?

MS - Os casos de violência doméstica em que temos o marido ou a mulher como agressor são esclarecidos. Fica complicado nos casos de violação sexual em que o autor é desconhecido. Fica um nó dentro do coração por não conseguir esclarecer casos sobretudo quando a vítima é uma criança.

NOT - A polícia tem capacidade para investigar casos cujo autor é desconhecido?

MS - Os colegas da investigação criminal têm conseguido esclarecer alguns casos. O violador normalmente deixa algumas pistas, pois a sua tendência é de fazer mais vítimas. A comunidade também ajuda a Polícia.

Exigimos igualdade e temos que cumprir

COM 56 anos de vida, Maria Supinho diz que vai à reforma tranquila, pois está ciente de que as mulheres jovens que integram a Polícia tomarão conta do trabalho iniciado.

NOT - Como olha para a jovem polícia actualmente?

MS - As coisas mudaram. Quando entrei na Polícia, o cumprimento das ordens era mais rigoroso em relação aos dias de hoje. Nós quando disséssemos às ordens, eram ordens. Mas, também, naquela altura, nós não tínhamos formação. Hoje em dia nós conciliamos aquilo que é o trabalho da Polícia assim como os instrumentos. A Polícia avançou

muito. A escola superior trouxe mudanças na corporação. As jovens que saem de lá fazem um trabalho brilhante. Temos comandantes mulheres saídas da ACIPOL bem dedicadas ao trabalho. A maneira como elas transmitem o conhecimento e realizam o trabalho operativo é positiva. Seria bom que as outras meninas aprendessem delas a entrega total que têm demonstrado no seu trabalho. Sairei para a reforma feliz porque deixarei meninas preparadas para dar continuidade ao trabalho que fizemos. A mulher ao nível da Polícia está conquistando cada vez mais o seu espaço.

NOT - Aspirações para o futuro...

MS - Estou com 56 anos e quando reformar vou me dedicar aos meus netos. Não tive a sorte de estar por perto para cuidar dos meus filhos. Como dizia, o trabalho da polícia não é fácil. Não temos a passagem de final do ano nem a festa de natal com a família. Os meus filhos cresceram sem ter a sorte de ficar com a mãe nas ocasiões festivas. No trabalho somos tratados de igual forma. Nós, as mulheres, exigimos a igualdade e temos que cumprir os nossos deveres em pé de igualdade com os homens.

e não conversam

O DIÁLOGO é o remédio santo para acabar com as desavenças, mas há quem ainda prefira falar e trocar palavras, em vez de conversar, o que culmina em violência.

NOT - Que análise faz dos níveis de violência na sociedade?

MS - A sociedade está consciencializada graças ao trabalho de sensibilização que temos feito em vários sítios, escola, comunidade, lugares de maior aglomeração das pessoas chamando a consciência de cada um para que pare e reflita sobre o que é a família. Hoje em dia, nós não falamos do aumento da violência, mas sim da tendência de aumento de denúncias. As pessoas procuram os serviços da Polícia para denunciar casos de violência doméstica, o que é positivo.

NOT - Sente-se realizada ou ainda tem algo que gostaria de conquistar?

MS - Estou feliz, mas não a 100 por cento. Sentir-

-me-la realizada se eu dissesse, olha, no meu relatório não tive nenhum caso de violência doméstica, não acompanhei nenhum caso de violação sexual de menores. Mas há quem diga que isso é impossível porque onde está mais de uma pessoa sempre haverá uma situação em que vão se opor e culminar em violência.

NOT - Concorda com esse pensamento?

MS - Não, porque é possível estar ao lado do meu marido, do meu companheiro, dos meus filhos e não haver essa discordância, se pautarmos pelo diálogo para resolver as nossas diferenças. O que acontece é que as pessoas não conseguem conversar, preferem falar e quando falam acabam se ofendendo. Onde há barulho, troca de palavras, não há entendimento, acaba-se em falta de respeito. As pessoas discutem e falam em coro e não chegam à concordância. O diálogo é um remédio santo para todo o tipo de situações.

Uma infância comum

MARIA Supinho fala um pouco da sua infância e das dificuldades que enfrentou para se integrar na Polícia.

NOT - Quem é a Maria Supinho?

MS - Nasci na cidade de Lourenço Marques (cidade de Maputo) no Hospital Miguel Bombarda (Hospital Central de Maputo) e vivi no bairro Luís Cabral. Sou filha de pais casados. O meu pai era operário e minha mãe doméstica. Sou mais velha de um grupo de três irmãos. Tive o meu primeiro filho em 1980 e em 1981 contraí o matrimónio e, a partir daí, comecei a levar o nome de Maria Supinho Olímpio Uamusse. Sou mãe de seis filhos e avó de 13 netos. Formei-me em educadora de infância e actualmente estou a cursar Direito.

NOT - Fale-nos um pouco sobre a sua infância

MS - A minha infância não se diference de outras crianças da minha época. Tive a oportunidade de ir à escola e durante as férias ajudava a minha mãe na

machamba. Sempre a acompanhava para apanhar as amêijoas ali bem pertinho de casa. Muito cedo comecei a ganhar essa independência de mulher. Decidi fazer algo para o meu sustento e aos 16 anos ingressei na Polícia.

NOT - Como é que entra para a Polícia?

MS - Foi a convite de um tio que era antigo combatente. Quando recebi o convite não me foi dito que era para ser polícia. Disse-me que estavam a recrutar jovens para trabalhar na presidência. Mesmo assim gostei porque eu tive a sorte de fazer parte do grupo que recebeu a independência, que viu os primeiros combatentes a chegarem a Maputo. Eu olhava para aquelas meninas fardadas e dizia quem me dera também poder usar a farda um dia. E graças a Deus tive essa oportunidade de entrar para a Polícia, na altura Corpo de Polícia para Moçambique (CPM).

NOT - Descreva como foi a sua integração

MS - Não foi fácil aguentar com os treinos. Era uma menina muito mimada pelo meu pai. A dada altura eu chorava no centro por causa daquela rigorosidade. Felizmente, não tinha problemas com os horários porque já estava habituada a acordar bem cedo. O meu pai apanhava sempre o primeiro machimbombo das 4.30 e a minha mãe obrigava-me a acordar mais cedo para preparar a água para o banho. E isso fez com que aprendesse a levantar mais cedo. Felizmente consegui com muita persistência e dedicação.



Vou à reforma tranquila e feliz pelo dever cumprido